

O concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do Pós-Glacial no litoral da Estremadura

ANA CRISTINA ARAÚJO*

R E S U M O

As investigações que têm vindo a ser realizadas no concheiro de Toledo são fundamentais para a caracterização do comportamento das primeiras comunidades de caçadores-recolectores do início do Holocénico. Este período encontra-se representado no litoral da Estremadura por algumas jazidas cujo conteúdo arqueológico parece combinar diversas características, presentes quer em contextos do Paleolítico Superior final quer em contextos do Mesolítico recente. Os estudos efectuados até ao momento sugerem que estas comunidades humanas, provavelmente organizadas em pequenos grupos e no quadro de uma estrutura em que a mobilidade era fundamental, baseavam a sua subsistência na exploração de diversos tipos de recursos, mas em que a componente de origem aquática passa a desempenhar, pela primeira vez, um papel importante.

A B S T R A C T

Archaeological research in the Toledo shellmidden (Vimeiro, Lourinhã) has been pivotal for understanding the behaviour of early Holocene hunter-gatherer communities. The coastal strip of the Portuguese Estremadura is dotted with several sites from this chronological period, where Upper Paleolithic and Late Mesolithic characteristics are combined. Archaeological knowledge of these sites suggests that those communities must have been organized in small groups, for which mobility should have been extremely important. For the first time, the exploitation of aquatic resources became crucial and was permanently incorporated into the dietary strategies adopted.

Em 1986, uma equipa de arqueólogos canadianos dirigida por David Lubell, da Universidade de Alberta (Canadá), levou a cabo algumas sondagens de emergência no sítio de Toledo. A identificação de um nível com vestígios arqueológicos contido no talude da estrada que liga as povoações de Toledo e do Vimeiro, associado ao facto de esta área se encontrar constantemente revolvida pelos trabalhos agrícolas, motivaram, nessa altura, a realização desta primeira campanha de trabalhos (Zilhão e Lubell, 1987). Por circunstâncias várias, este projecto de investi-

gação, que se inseria num âmbito mais vasto sobre a transição Mesolítico/Neolítico no território português, foi abandonado. No entanto, os resultados científicos obtidos nessa altura foram mesmo assim significativos. Apesar do espólio recuperado não ter sido considerado suficientemente característico para uma atribuição cronológico-cultural precisa, a presença de restos faunísticos de origem terrestre e aquática, nomeadamente de moluscos bivalves, associada à sua implantação geográfica e topográfica, sugeria que o sítio estaria relacionado com o funcionamento de um sistema de povoamento e subsistência baseado na exploração de recursos aquáticos e, portanto, a sua atribuição ao Pré-Boreal ou ao Boreal. A posterior datação pelo radiocarbono de uma amostra de osso recolhida numa das sondagens, que forneceu o resultado de 7800 ± 110 BP (TO-707) (Lubell e Jackes, 1988), confirmou, então, as suspeitas iniciais.

Em 1994, numa visita efectuada ao local, verificou-se que a situação de ameaça se mantinha, encontrando-se alguns materiais dispersos à superfície em resultado do revolvimento provocado pelas máquinas agrícolas. Os terrenos continuavam a ser lavrados anualmente e, do mesmo modo, continuava a ser destruído o nível de ocupação arqueológica. Os trabalhos de escavação foram retomados, desta vez em extensão, por forma a avaliar a sua importância científica e obter o maior número de informação possível. Os trabalhos desenvolvidos desde então têm contado com o apoio técnico, logístico e financeiro da respectiva Câmara Municipal e foram autorizados no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do então Departamento de Arqueologia do IPPAR.

As investigações que têm vindo a ser conduzidos nesta jazida inserem-se no quadro de um projecto mais vasto sobre as adaptações humanas do pós-glaciar no litoral da Estremadura, submetido e aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia. Para além da escavação do concheiro de Toledo, pretende-se promover a sua contextualização no quadro de um sistema de povoamento mais vasto que deverá incluir outros locais. Neste sentido, prevê-se a possibilidade de virem a ser escavadas outras jazidas já identificadas nas proximidades, provavelmente contemporâneas, que permitirão enquadrar e compreender as estratégias de povoamento e subsistência destas comunidades humanas.

1. Enquadramento

O concheiro de Toledo encontra-se embalado num depósito de vertente localizado cerca de 250 m para Norte da ribeira de Toledo, afluente da margem direita do rio Alcabrichel e dista cerca de 4 km em linha recta da costa actual (Fig. 1)¹. Na altura em que se deu a ocupação arqueológica do sítio as águas do Atlântico já tinham iniciado o seu processo de transgressão, processo este que se reflectiu, naturalmente, na formação de um estuário importante na foz do Alcabrichel. O depósito de concheiro com moluscos de espécies litorais e estuarinas está certamente relacionado com a exploração deste nicho ecológico por parte dos caçadores-recolectores mesolíticos. Com efeito, durante o Holocénico as marés penetravam regularmente na bacia do Alcabrichel, possibilitando a formação de bancos de moluscos. Actualmente, devido ao assoreamento do rio na foz, em Porto Novo, que impede a entrada das águas oceânicas, já não se encontram as espécies faunísticas de habitat aquático presentes na jazida arqueológica². Hoje em dia, a área é utilizada para a plantação de vinhas e pomares. Junto à ribeira de Toledo, os terrenos são aproveitados para hortas.

São conhecidos diversos locais com ocupações arqueológicas do Holocénico inicial no litoral da Estremadura (Fig. 2). Apesar de alguns desses sítios terem sido identificados ou

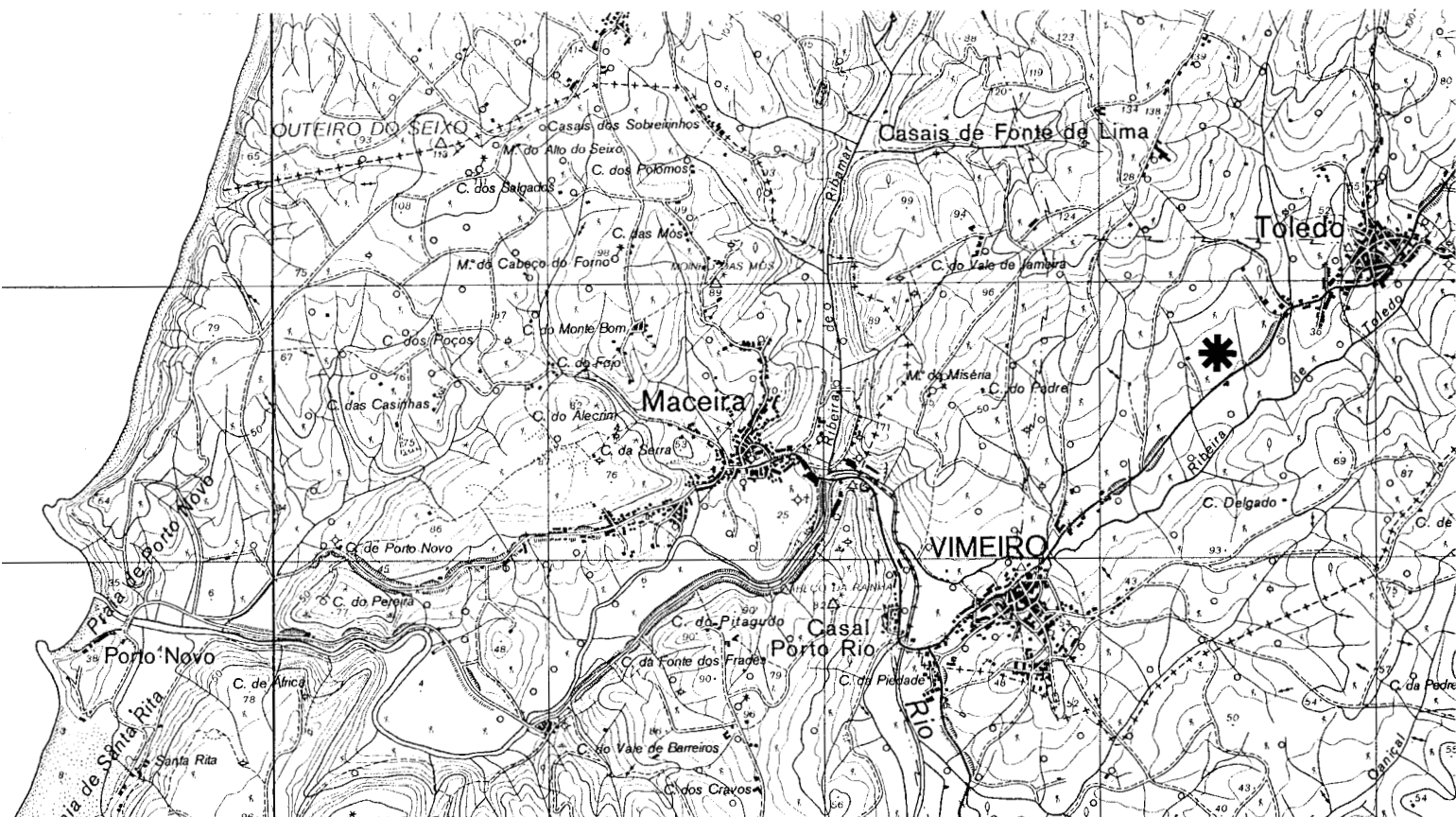


Fig. 1 Localização do concheiro de Toledo na folha 361 da CMP dos Serviços Cartográficos do Exército (Esc. 1: 25 000).

mesmo escavados em momentos anteriores (como resultado das investigações levadas a cabo por Manuel Heleno nesta região e por elementos ligados aos Museus de Torres Vedras e da Lourinhã), o seu enquadramento cronológico e cultural só foi definido, porém, muito recentemente. A maioria destes sítios localiza-se nas proximidades da costa actual, junto a pequenos cursos de água, e corresponde a ocupações temporárias, provavelmente de natureza sazonal, relacionados com a exploração de recursos de origem aquática. No entanto, estas jazidas constituem, por enquanto, pontos isolados na paisagem, não existindo ainda ideias claras e bem definidas sobre os territórios das populações que ocuparam, temporariamente, estes locais, nem sobre as relações existentes entre si. Aliás, a maioria foi objecto de escavação no âmbito de programas de intervenção arqueológica de emergência, como aconteceu em Toledo, Ponta da Vigia (Zilhão, Carvalho e Araújo, 1987), S. Julião (Arnaud e Pereira, 1994; González Morales e Arnaud, 1990), Magoito (González Morales e Arnaud, 1990) e Pinhal da Fonte (Zilhão e Lubell, 1987). Um dos aspectos comuns a todos estes sítios é a presença de depósitos de concheiro (à excepção da Ponta da Vigia onde a matéria orgânica não se conservou) que embalam igualmente vestígios relacionados com a exploração de recursos de origem terrestre, como a caça, associados a uma indústria lítica pouco expressiva do ponto de vista tipológico mas com

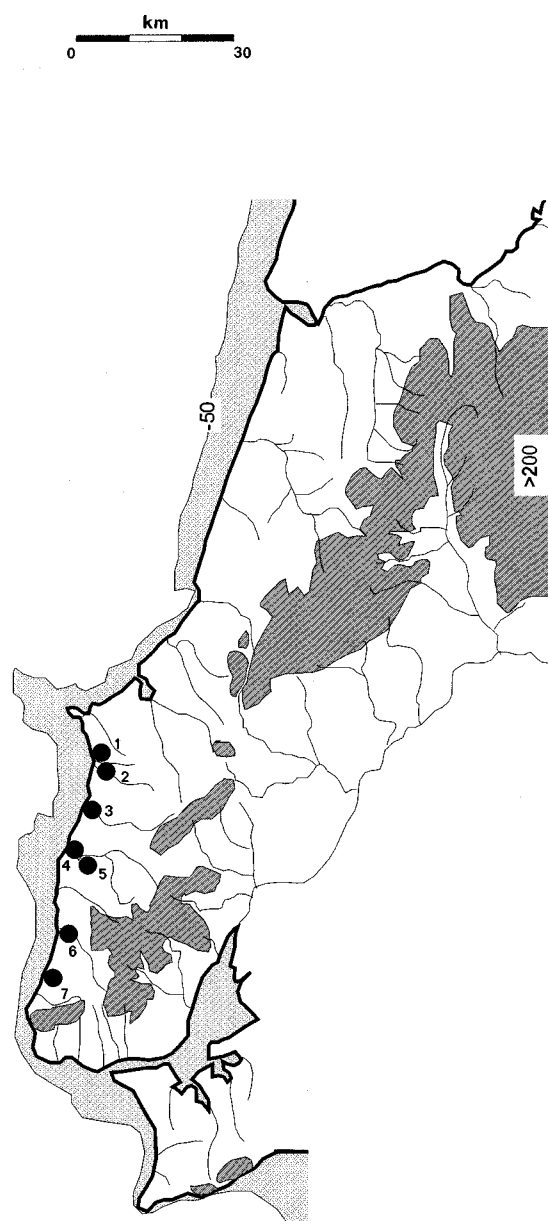


Fig. 2 Localização das principais jazidas do Holocénico inicial identificadas no litoral da Estremadura. 1. Vale Frade; 2. Toledo; 3. Ponta da Vigia; 4. Cabeço do Curral Velho; 5. Pinhal da Fonte; 6. São Julião; 7. Magoito.

2. O sítio

A área de dispersão dos vestígios é relativamente grande (cerca de 1000 m²). Este facto deve estar relacionado, pelo menos em parte, com a perturbação dos níveis arqueológicos pelas actividades agrícolas, responsáveis pelo revolvimento e deslocação subsequente de materiais para a superfície. A erosão pluvial tem igualmente contribuído para o desmantelamento do depósito

uma tecnologia na tradição do Paleolítico Superior final.

Estes vestígios foram produzidos pelas primeiras comunidades de caçadores-recolectores do pós-glaciar, que passam a incorporar (e a depender), em definitivo, dos recursos de origem aquática nos respectivos espectros dietéticos. O povoamento torna-se mais costeiro e os grupos humanos parecem organizados em unidades mais pequenas e mais móveis. Este momento, que corresponde ao Mesolítico inicial, é fundamental para a compreensão do processo que levaria, mais tarde, à eleição dos estuários dos grandes rios, como o Tejo e o Sado, como últimos refúgios destas comunidades de caçadores-recolectores do Mesolítico recente, que apresentam uma clara reestruturação nos seus padrões demográficos, dietéticos, tecnológicos e de implantação territorial. Com efeito, a partir de 7500 BP, e numa altura em que o mar se aproxima do seu máximo transgressivo pós-glaciar, os estuários dos grandes rios são palco de uma ocupação intensa que se irá prolongar ainda por mais um milénio, mesmo após a introdução, noutras regiões do país, de um modo de vida baseado já na produção de alimentos (Zilhão, 1992, 1993). As jazidas mesolíticas do litoral da Estremadura integram-se numa fase imediatamente anterior deste processo. As investigações levadas a cabo em Toledo inserem-se nesta problemática e poderão contribuir para o seu esclarecimento.

de concheiro que se encontra exposto no talude da estrada, nomeadamente de algumas possíveis estruturas de combustão constituídas por calhaus e seixos rubefactos que envolvem ossos de animais queimados. Como se pode observar pelas Figs. 3 e 4, o concheiro de Toledo estende-se por três propriedades contíguas:

- a primeira (A) é utilizada para fins agrícolas e nela se realizaram as sondagens arqueológicas de 1986 (sondagens F7, F8 e F10); em 1995, já sob a responsabilidade da signatária, foi aberta nesta mesma propriedade uma área de escavação 8 m² (quadrados J e K/10, 11, 12 e 13);

- a segunda propriedade (B) é constituída por uma estreita faixa de terreno de orientação NO-SE, tradicionalmente aproveitada para a plantação de vinhas; hoje em dia o terreno encontra-se abandonado e nele foram realizadas as escavações de 1997 e 1998 (quadrados Q, R, S, e T/43, 44, 45, 46);

- a terceira propriedade (C) foi igualmente intervencionada na primeira campanha de 1986 (teste T1); a menor espessura da camada superior fez com que o depósito arqueológico nesta propriedade tivesse sido mais extensivamente afectado pelas práticas agrícolas.

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo em 1995 (na propriedade A) e em 1997/98 (na propriedade B e o no talude da estrada – corte A, B e C) demonstraram a existência de variações laterais importantes na composição dos depósitos. Esta variabilidade parece estar relacionada, pelo menos em parte, com o próprio processo de formação da jazida. O concheiro parece resultar da acumulação sucessiva de vestígios produzidos em diferentes episódios de ocupação temporária/sazonal (?), ao longo de um período de tempo ainda não estimável, por parte de comunidades humanas que se instalavam periodicamente neste local. No entanto, é necessário ter em conta que as lavouras têm contribuído para que os níveis com ocupação arqueológica estejam truncados em muitos sectores, sobretudo pela abertura de valas profundas para a plantação de bacelos, que chegavam a atingir, segundo a proprietária do terreno B, 2 m de profundidade. Com efeito, o nível de calhaus que constitui o topo da camada B (camada arqueológica) encontra-se parcialmente destruído em alguns dos quadrados escavados. Esta destruição não é tão visível na zona junto ao talude da estrada, não atingida pelas máquinas agrícolas. Os trabalhos de limpeza e regularização deste corte demonstraram que o nível de concheiro se encon-

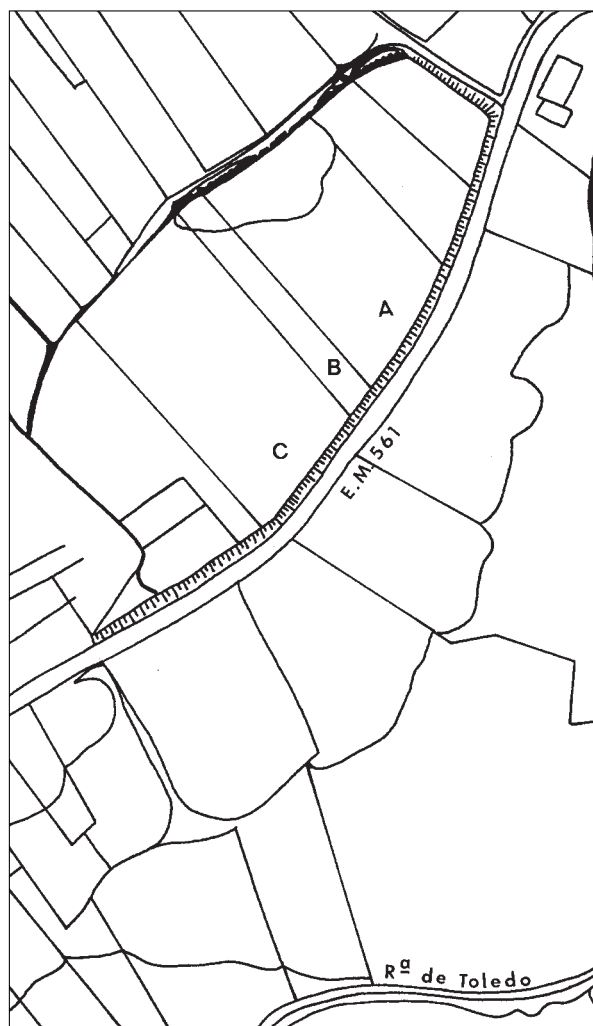


Fig. 3 Carta cadastral (Esc. 1: 2 000) com a implantação das três propriedades (A, B e C) onde foram realizadas escavações arqueológicas. Desenho de Helena Figueiredo.

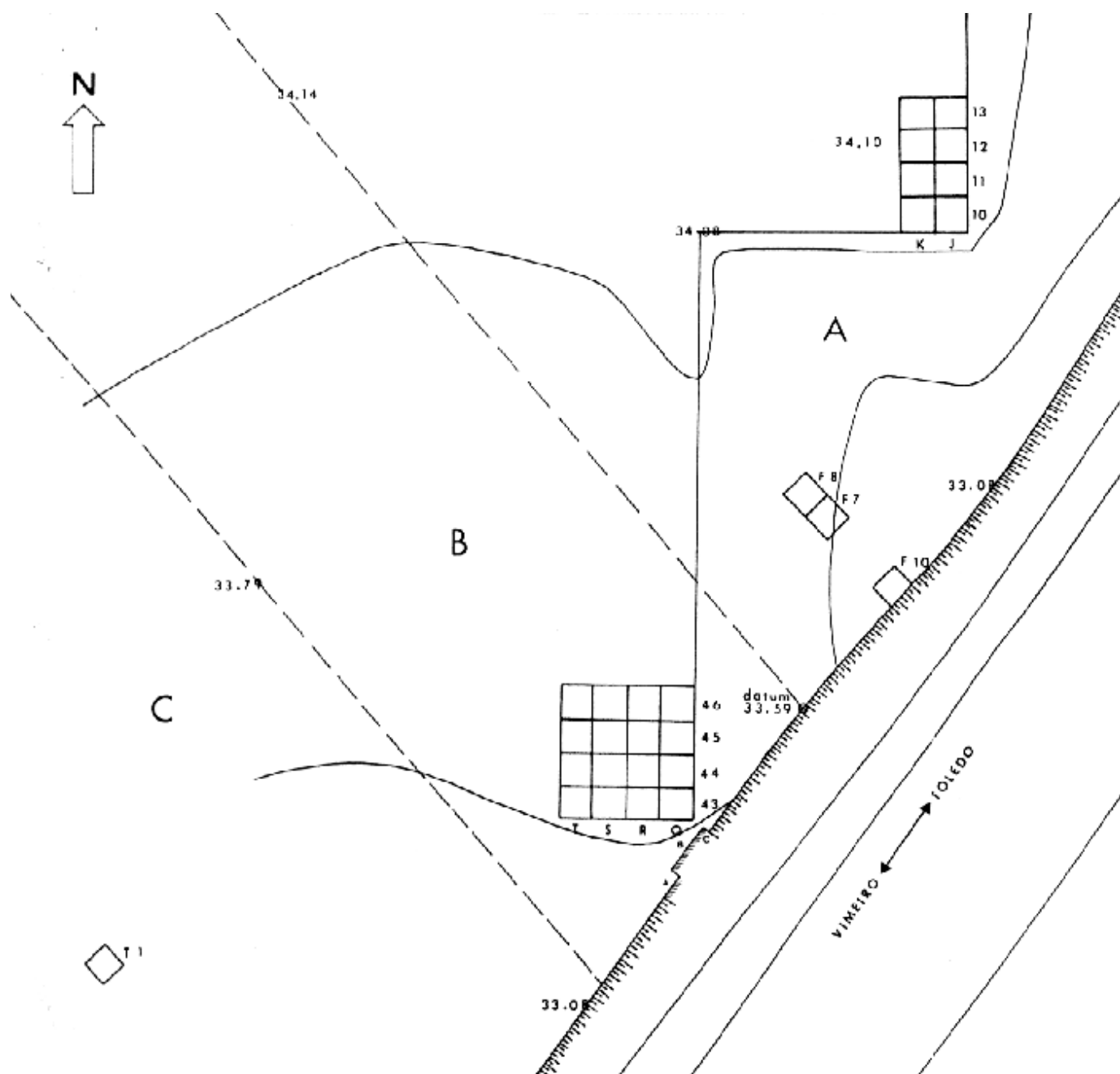


Fig. 4 Localização (sobre topografia da zona) das diversas sondagens efectuadas. Desenho de Helena Figueiredo.

tra melhor conservado nesta zona da jazida. A forma como os vestígios materiais se encontram dispostos no interior da sequência reflecte as situações referidas anteriormente, relacionadas quer com o processo de formação do sítio quer com o remeximento dos depósitos provocados pelas actividades agrícolas.

2.1. Estratigrafia

A estratigrafia observada em Toledo apresenta variações laterais significativas, relacionadas com diversos factores de natureza antrópica e tafonómica. Como se pode verificar nas Figs. 5 (perfil E dos quadrados Q43, Q44 e Q45) e 6 (perfil do talude da estrada), a sequência é constituída por quatro camadas distintas:

– a primeira camada (A) apresenta, em média, 80 a 100 cm de espessura consoante as áreas e os quadrados intervencionados; é composta por um sedimento areno-argiloso de textura muito compacta e de coloração castanha clara; a presença de materiais arqueológicos nesta camada resulta, como foi já referido, da abertura de valas para a plantação de vinhas e, mais recentemente, da utilização de máquinas agrícolas que provocaram perturbações significativas dos níveis subjacentes; foi possível observar, na transição entre as camadas A e B, um nível de terra mais acinzentada ao qual foi atribuído a designação de A1;

– a segunda camada (B) é definida por um nível de calhaus angulosos de pequenas e médias dimensões que apresentam fracturas térmicas evidentes; o sedimento é mais arenoso, de coloração castanho-acinzentada e textura menos compacta; esta camada apresenta-se truncada e parcialmente destruída pelas lavouras, sobretudo pela plantação de videiras, cujas raízes penetram, por vezes, até à base da camada; por baixo do nível de calhaus, ela é definida por bolsas de concheiro muito compacto e por um sedimento mais acinzentado, por vezes negro, e de textura mais granulosa; no entanto, esta camada não se apresenta de uma forma uniforme em toda a superfície, existindo variações laterais significativas consoante os quadrados; o espólio é constituído por inúmeros fragmentos de conchas de moluscos bivalves, restos faunísticos de origem terrestre a alguma indústria lítica; foram aqui identificados diversos tipos de estruturas;

– a terceira camada (C) aparece nos interstícios definidos pelas bolsas de concheiro existentes na camada B e continua por baixo; estas duas camadas (B e C) parecem definir um mosaico sobre um mesmo plano, como resultado das variações laterais relacionadas com uma antropização mais evidente da camada B, de sedimento granuloso, acinzentado, repleto de conchas (e onde se individualizaram as estruturas de combustão), e zonas de sedimento castanho dourado e de textura muito macia, que embala conchas inteiras (camada C); estas duas camadas parecem constituir, assim, variações laterais de um mesmo pacote sedimentar, individualizadas a partir do conteúdo arqueológico; os quadrados foram escavados separando os sedimentos e os respectivos espólios por quadrantes;

– a quarta camada (D) é constituída por areias amarelas que se vão tornando progressivamente mais claras; na transição entre as camadas C e D, que é por vezes muito difusa, foram recuperadas algumas indústrias líticas em sílex avermelhado que poderão eventualmente corresponder a uma ocupação mais antiga do local; esta hipótese terá que ser futuramente confirmada; nos quadrados R e S/ 44 e 45 prosseguiu-se a escavação em profundidade até se atingir um nível de areias brancas muito consolidadas, que poderá corresponder ao substracto miocénico.

Não foi possível representar, nos perfis das Figs. 5 e 6, as diversas situações detectadas no decurso dos trabalhos arqueológicos, sobretudo no que diz respeito à forma como as camadas B e C se distribuem, quer em termos espaciais quer em termos estratigráficos, no interior da sequência. Com efeito, a leitura dos referidos perfis parece indicar a existência de duas camadas distintas que se sobrepõem. No entanto, como foi anteriormente sugerido, estas duas camadas aparecem lado a lado, sobre um mesmo plano. A sua diferenciação está sobre-

tudo relacionada com o respectivo conteúdo arqueológico. A camada B é definida por uma grande concentração de conchas e calhaus rubefactos (restos de estruturas já parcialmente desmanteladas), que conferem ao sedimento uma textura e uma coloração diferentes das terras que foram individualizadas como camada C, que se encontram à mesma cota, mas que apresentam características distintas do ponto de vista sedimentológico (porque menos sujeitas aos carbonatos das conchas e aos efeitos das estruturas de combustão), mas não arqueológico. Esta camada C continua por baixo, mas não se encontra presente em todos os sectores. Com efeito, em alguns dos quadrados escavados a camada B penetra directamente nas areias amareladas que constituem a camada D. Nas escavações efectuadas em 1995 na propriedade A os níveis de concheiro assentam directamente nesta camada de areias amarelas, estéreis do ponto de vista arqueológico.

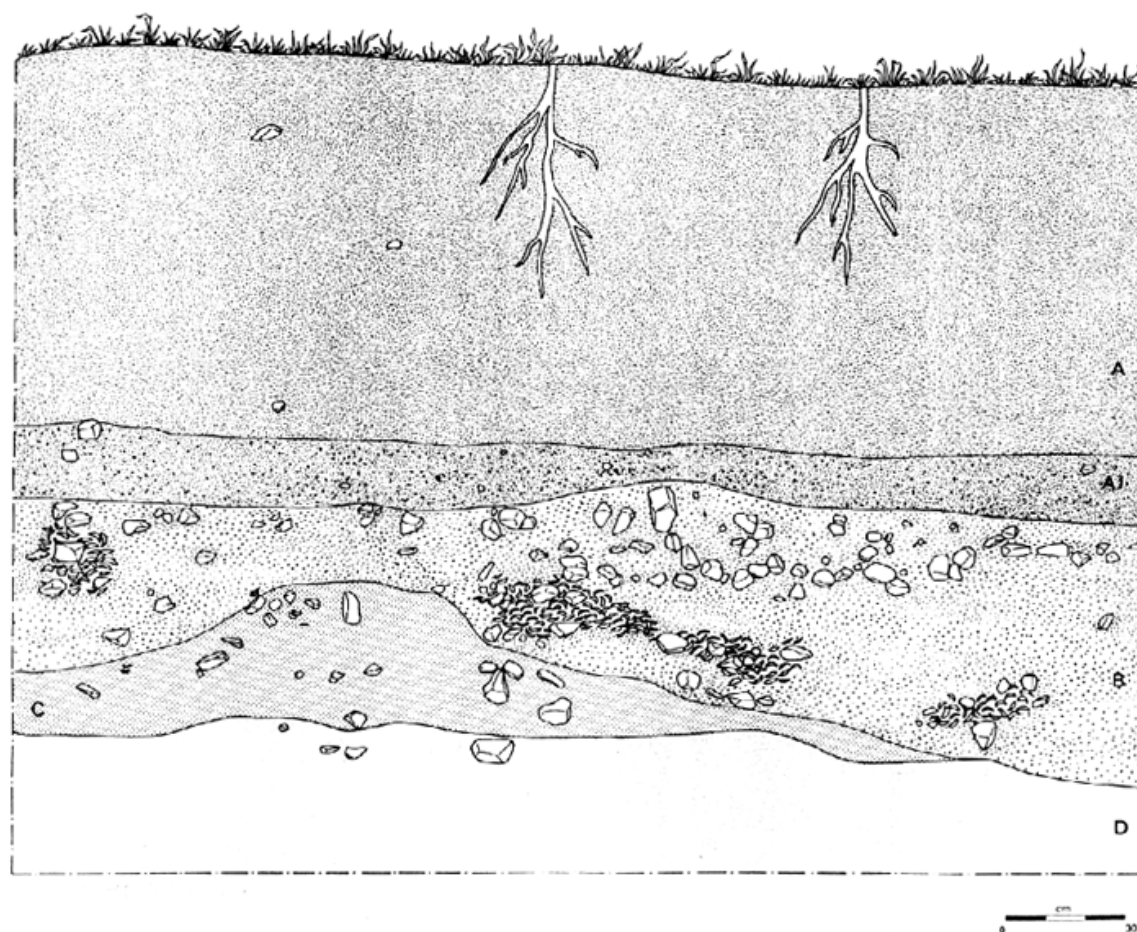


Fig. 5 Perfil Este dos quadrados Q43, Q44 e Q45. Reprodução de Helena Figueiredo a partir de original de João Mateus.

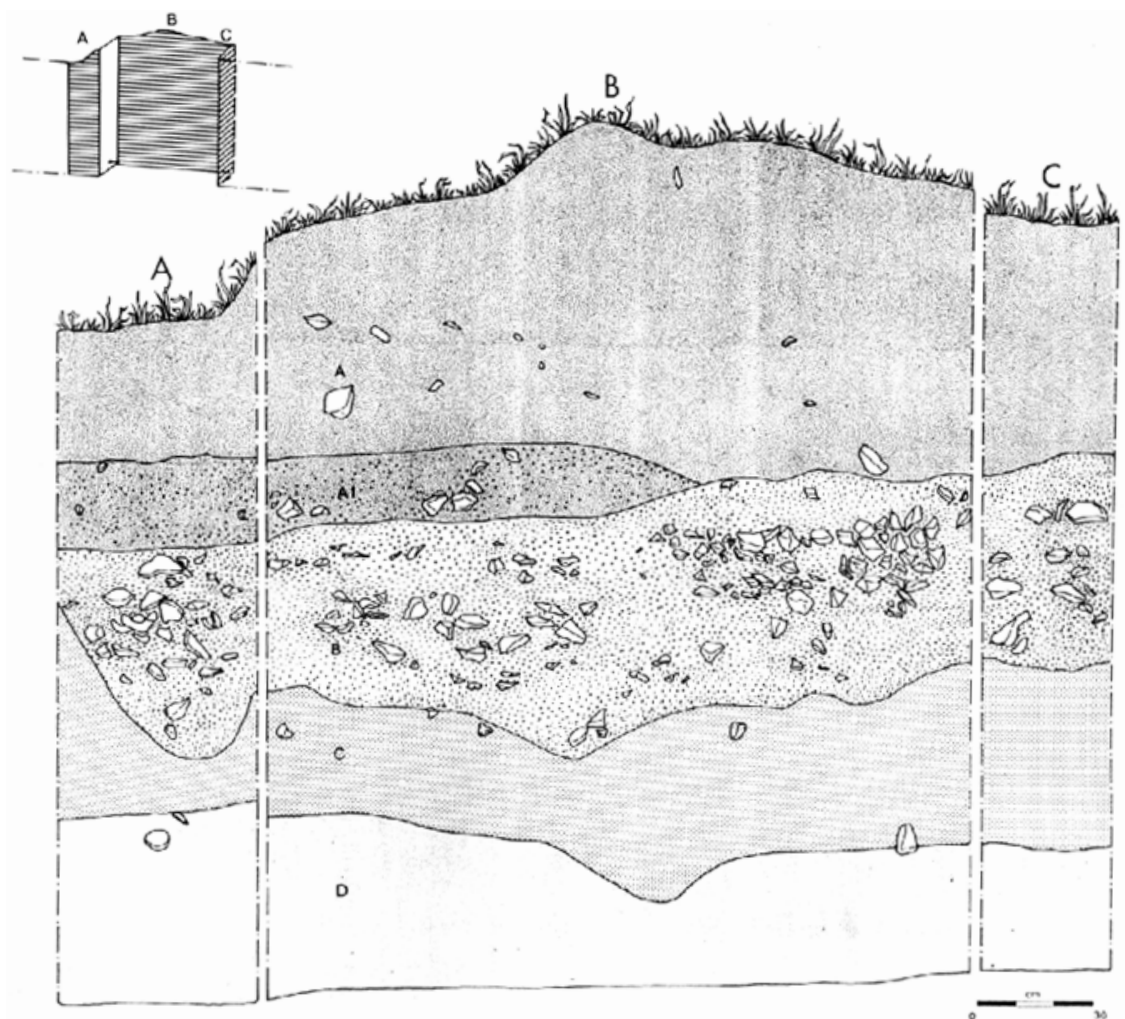


Fig. 6 Perfil obtido após a limpeza e regularização do talude da estrada. Reprodução de Helena Figueiredo a partir de original de Vanessa Antunes.

Poder-se-á colocar a hipótese de as camadas B e C presentes na sequência escavada na propriedade B serem, de facto, duas unidades geológicas distintas, em que a B constituiria o concheiro propriamente dito, cujas estruturas tivessem penetrado na camada subjacente, mais antiga. No entanto, este raciocínio levanta algumas dúvidas:

- não existem diferenças quanto ao espólio entre as duas camadas (foi adoptada, no entanto, uma metodologia de escavação por quadrantes, por forma a respeitar e a salvaguardar a integridade dos dois conjuntos);

- a escavação dos níveis subjacentes, que constituem a continuação, em profundidade, do sedimento castanho que aparece entre os interstícios definidos pelas bolsas de concheiro,

não demonstrou a existência de um contexto arqueológico ou geológico distintos; os artefactos líticos que apareceram na transição entre as camadas C e D, que poderão estar eventualmente associados a uma ocupação mais antiga deste local (do Pleistocénico final, por hipótese), não são suficientemente característicos para uma atribuição cronológica precisa; a datação de uma amostra de conchas proveniente do nível 21 do quadrado T45 (transição entre as camadas C e D) é estatisticamente idêntica à amostra recolhida no nível 12, de concheiro compacto (ver Quadro 1).

As interpretações aqui sugeridas quanto à definição e estatuto das camadas B e C só ganham consistência com a datação de novas amostras e com o estudo integral da jazida.

QUADRO 1 – Datações absolutas para o Mesolítico inicial do litoral da Estremadura

Sítio	Tipo de		Nº de	Anos	Data	cal.	
	Amostra	Período				Laboratório	BP
Toledo	Osso	Boreal	TO-707	7800±110	—	6702-6465	7007-6411
Toledo	<i>C. edule</i>	Boreal	ICEN-1529	9200±70	8820±80	7967-7705	8028-7585
Toledo	<i>C. edule</i>	Boreal	ICEN-1533	9120±80	8740±90	7928-7584	8002-7540
Ponta da Vigia	Carvão	Boreal	ICEN-51	8730±110	—	7933-7576	8020-7508
C. do Curral Velho	<i>C. edule</i>	Atlântico	ICEN-270	8400±60	8020±70	7038-6725	7231-6621
S. Julião I	Carvão	Boreal	ICEN-179	8120±100	—	7259-6828	7420-6702
S. Julião I	<i>C. edule</i>	Boreal	ICEN-109	8550±70	8170±80	7291-7036	7423-6817
S. Julião I	<i>C. edule</i>	Boreal	ICEN-153	8340±45	7960±50	7005-6666	7035-6608
S. Julião II	carvão	Boreal	ICEN-73	7610±80	—	6466-6375	6553-6224
S. Julião II	<i>C. edule</i>	Boreal	ICEN-107	8130±50	7750±60	6600-6464	6636-6426
Magoito	Carvão	Pré-Boreal	ICEN-52	9490±60	—	8847-8433	8951-8355
Magoito	<i>Mytilus</i>	Pré-Boreal	ICEN-80	9970±70	9590±80	8980-8531	9020-8430
Magoito	<i>Patella</i>	Pré-Boreal	ICEN-81	9790±120	9410±120	8841-8270	8964-8094
Magoito	<i>C. edule</i>	Pré-Boreal	ICEN- 82	9910±100	9530±100	8948-8435	9013-8349
Magoito	Carvão	Pré-Boreal	GrN-11229	9580±100	—	8989-8523	9036-8360

* valor corrigido com base na idade aparente das conchas estuarinas que é de 380±30 (Soares, 1993)

2.2. Estruturas

Foram identificados diversos tipos de estruturas na camada B. Estas estruturas podem apresentar-se sem qualquer organização interna (pelo menos aparente), ou constituir concentrações bem delimitadas de termoclastos que envolvem zonas de grande concentração de conchas ou de restos osteológicos carbonizados. As Figs. 7 e 8 exemplificam uma dessas situações. Trata-se de uma bolsa individualizada em T44 que continha uma grande densidade de fragmentos de conchas de navalheira (*Solen marginatus*) e berbigão (*Cerastoderma edule*), que assentavam numa cama de calhaus rubefactos. Durante a escavação desta estrutura foi possível diferenciar, no quadrante Sul do quadrado, um sedimento castanho, de textura macia, correspondente à camada C. No quadrante N, porém, o sedimento apresentava cor cinzenta e textura granulosa devido à enorme quantidade de conchas e de calhaus rubefactos (designada como camada B). Parte desta estrutura ficou conservada no corte Oeste.

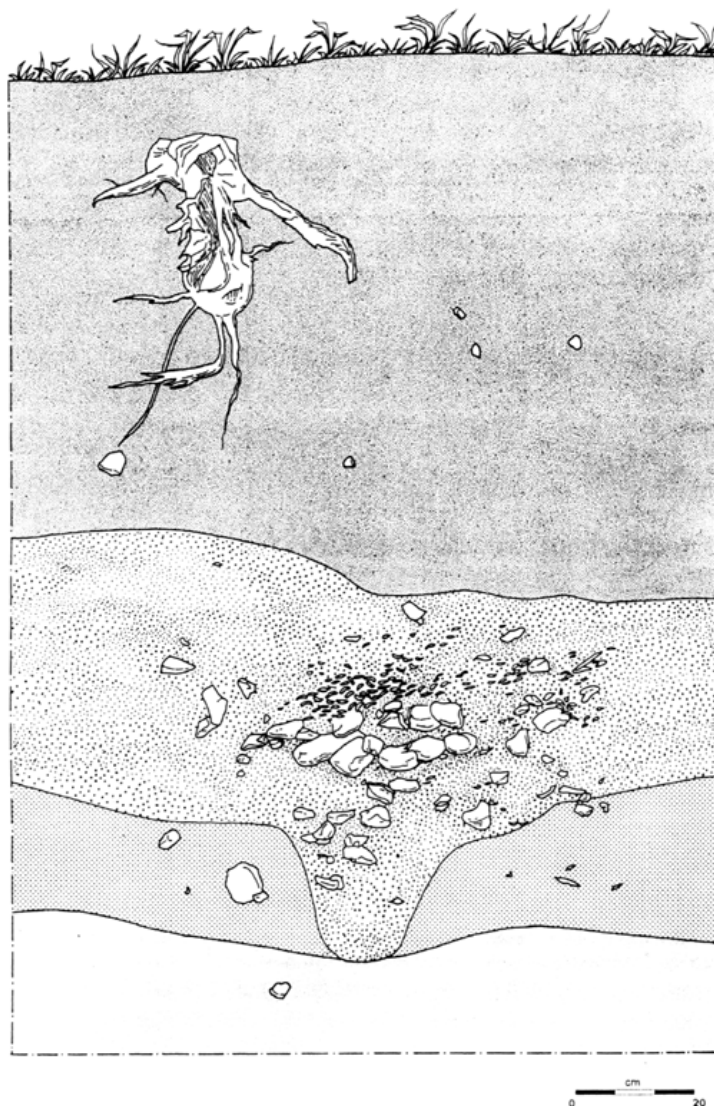
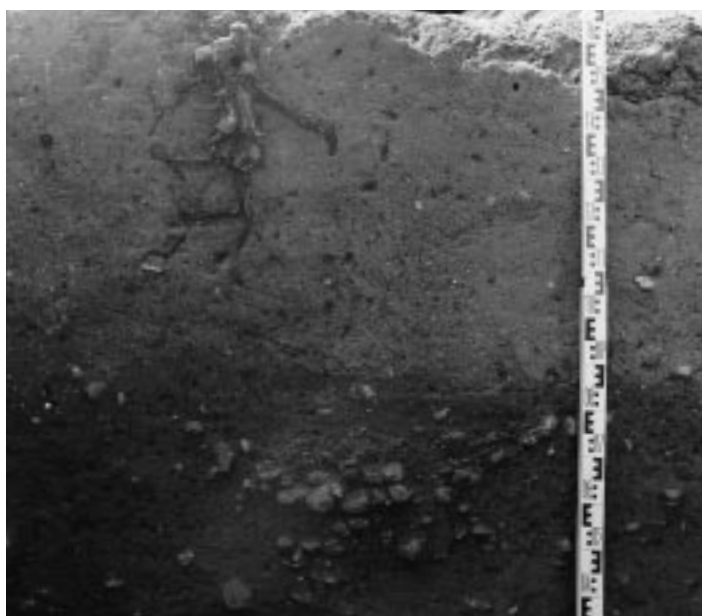


Fig. 7 Representação gráfica da estrutura exposta no perfil Oeste do quadrado T44. Reprodução de Helena Figueiredo a partir de original de Vanessa Antunes.

Fig. 8 Fotografia da mesma estrutura.



Um outro tipo de estrutura foi posta a descoberto na limpeza e regularização do talude da estrada. Tratava-se de uma bolsa de calhaus rubefactos que envolvia restos faunísticos de veado (*Cervus elaphus*) e corço (*Capreolus capreolus*), que se encontravam queimados pela acção do fogo.

Nos quadrados Q44 (metade S), Q43 e R43 (metade E) foi detectado um outro tipo de estrutura. Era constituída por uma grande concentração de termoclastos que se encontravam dispostos em círculo (Fig. 9). Estes calhaus pareciam constituir o topo de uma bolsa que embalava, no seu interior, e até ao topo da camada D, um sedimento cinzento repleto de inúmeros fragmentos de conchas, argila queimada e termoclastos (Figs. 10 e 11). Ao lado desta estrutura, na metade N de Q44 e na metade O de R43, o sedimento apresentava-se com uma cor castanho-dourada e uma textura fina e macia, correspondente à camada C.

São várias as interpretações que podem ser dadas quanto à função e utilidade destas estruturas. Uma das hipóteses é que elas correspondam aos restos de fornos de terra (tipo forno polinésiano) para o processamento da carne, e reutilizados posteriormente como lixeiras de detritos. Outra hipótese é que elas estejam associadas a um qualquer processo de tratamento dos moluscos (abertura das válvulas pela acção do calor, por hipótese).

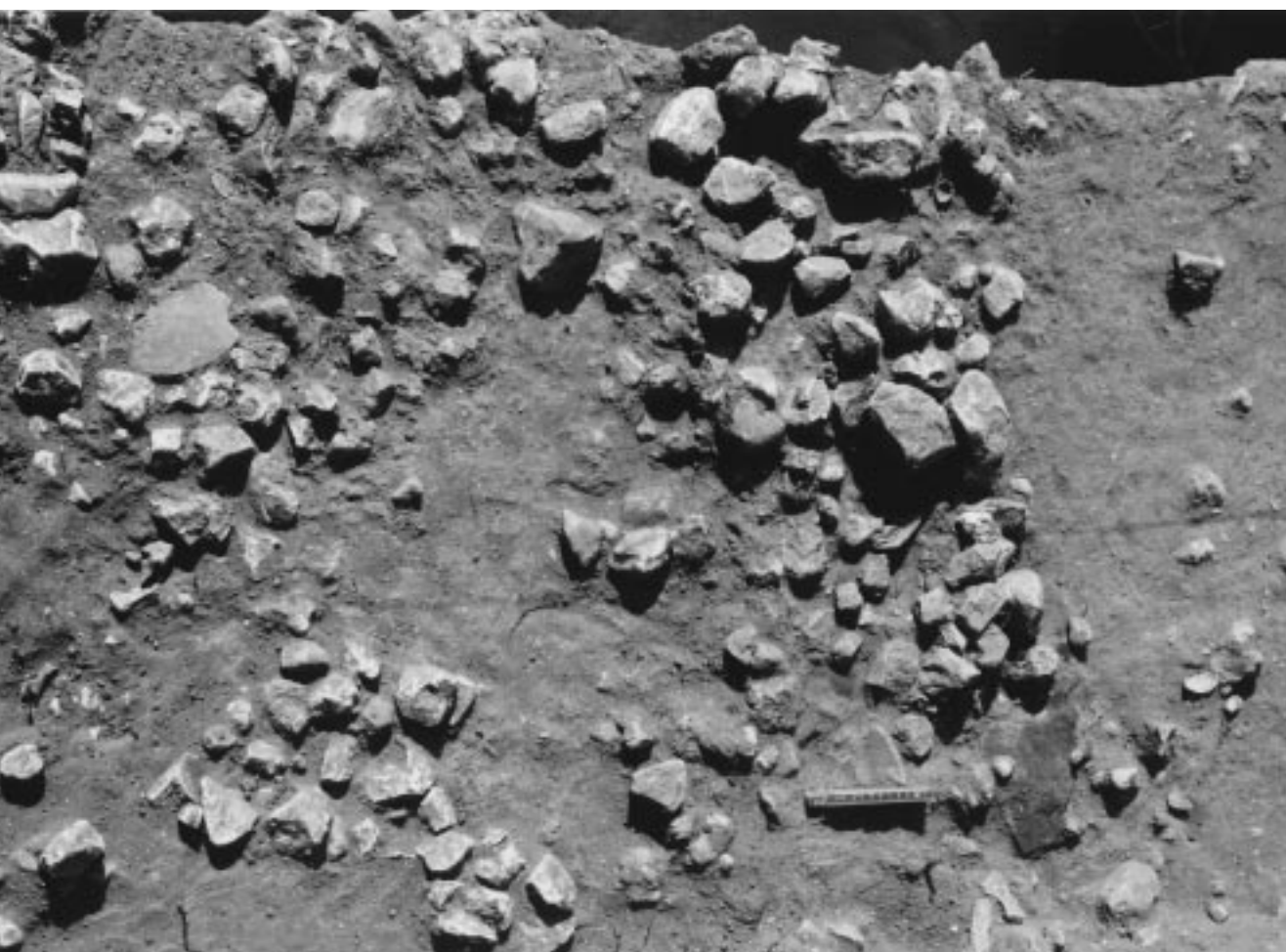


Fig. 9 Topo da estrutura posta a descoberto nos quadrados Q44, Q43 e R43 (ver Fig. 4).

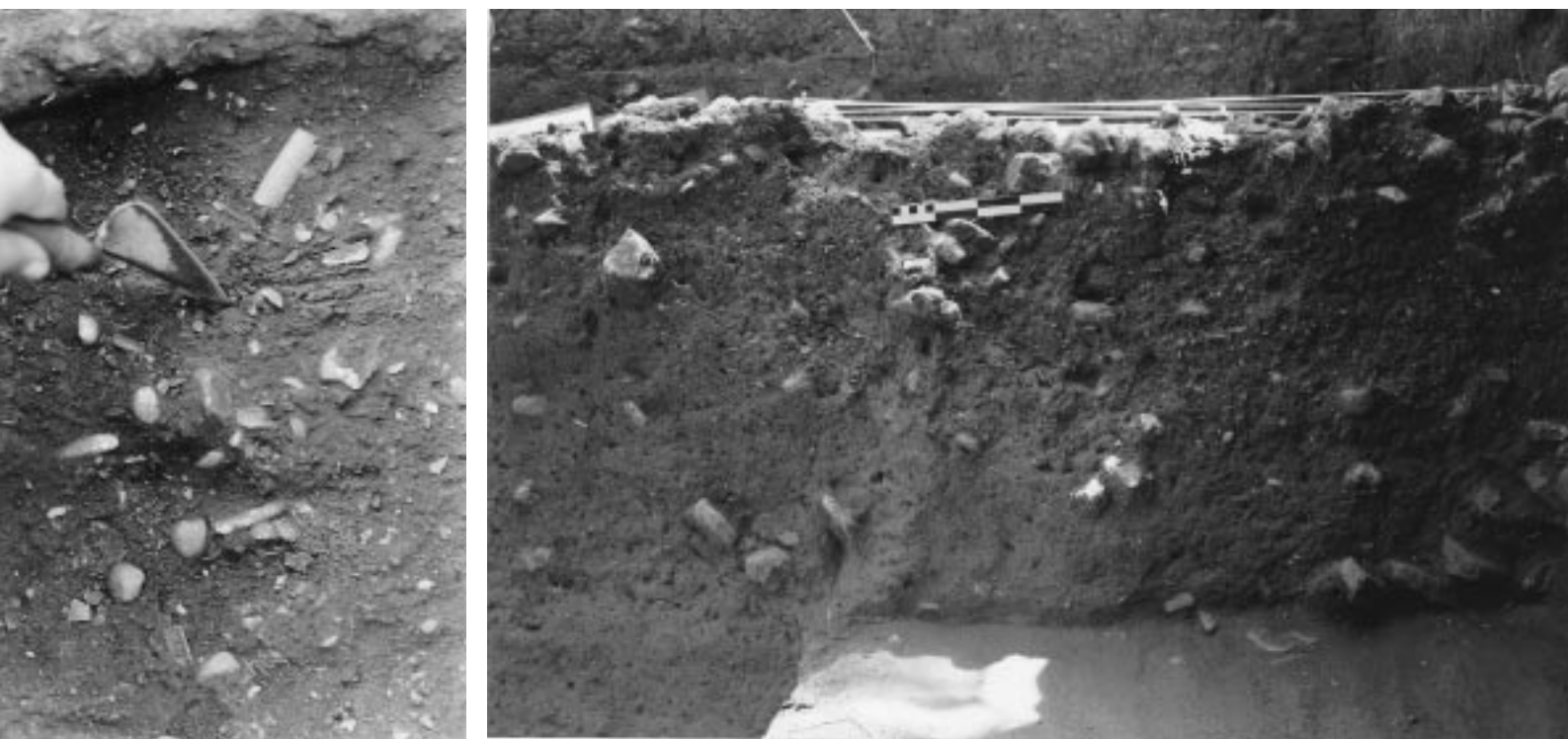


Fig. 10 Interior da estrutura posta a descoberto nos quadrados Q44, Q43 e R43 (ver Fig. 4).

Fig. 11 Fotografia do perfil Este do quadrado R43 (ver Fig. 4) onde se observa a extensão e a profundidade atingida pela bolsa de concheiro. No topo é visível o nível de calhaus representado na Fig. 9.

2.3. Espólios

Os restos materiais conservados na jazida estão sobretudo relacionados com a actividade mais básica destas comunidades humanas: a subsistência. A maior parte dos restos faunísticos é constituída por conchas de moluscos. O berbigão (*Cerastoderma edule*) é predominante, seguindo-se a lamejinha (*Scrobicularia plana*), o mexilhão (*Mytilus edulis*), a navalheira ou canivete (*Solen marginatus*), a amêijoia (*Venerupis decussata*), a ostra (*Ostrea spp.*) e a lapa (*Patella sp.*). Foram igualmente recuperados crustáceos, como os bálanos (*Balanus perforatus*), cracas (*Chthamalus montagu*) e vários tipos de decápodes (sobretudo caranguejos, representados pelas respectivas pinças). Os peixes encontram-se presentes através de vértebras e dentes. A fauna de mamíferos terrestres é dominada por espécies exclusivamente selvagens como o veado (*Cervus elaphus*), o javali (*Sus scrofa*), o auroque (*Bos primigenius*), o corço (*Capreolus capreolus*) e o coelho (*Oryctolagus cuniculus*). As determinações apresentadas são, por enquanto, provisórias. Os estudos arqueozoológicos serão efectuados por uma equipa do Laboratório de Ciências Biológicas da Universidade Autónoma de Madrid, coordenada por Arturo Morales Muñiz.

A indústria lítica é composta sobretudo por núcleos e resíduos de talhe debitados a partir de matérias-primas fundamentalmente locais. Trata-se de uma indústria com um índice de transformação em utensílios muito reduzido, fabricada a partir de seixos de pequenas dimensões, seguindo uma estratégia de exploração e conformação visando a optimização e a rentabilização máxima das massas iniciais. A grande quantidade de lascas, esquirolas e outros resíduos, associada ao facto de a maioria das peças apresentar ainda vestígios de córtex, sugerem uma representação integral de todo o ciclo de exploração da pedra. A matéria-prima mais utilizada é o sílex (geralmente de má qualidade, em termos da sua aptidão para o talhe), seguindo-se o quartzito e o quartzo. Apesar do seu estudo não estar ainda concluído, pode adiantar-se que as indústrias líticas recuperadas em Toledo são semelhantes às da Ponta da Vigia, localizada poucos quilómetros a Sul, demonstrando uma mesma estratégia de exploração e gestão da pedra (Figs. 12, 13 e 14).

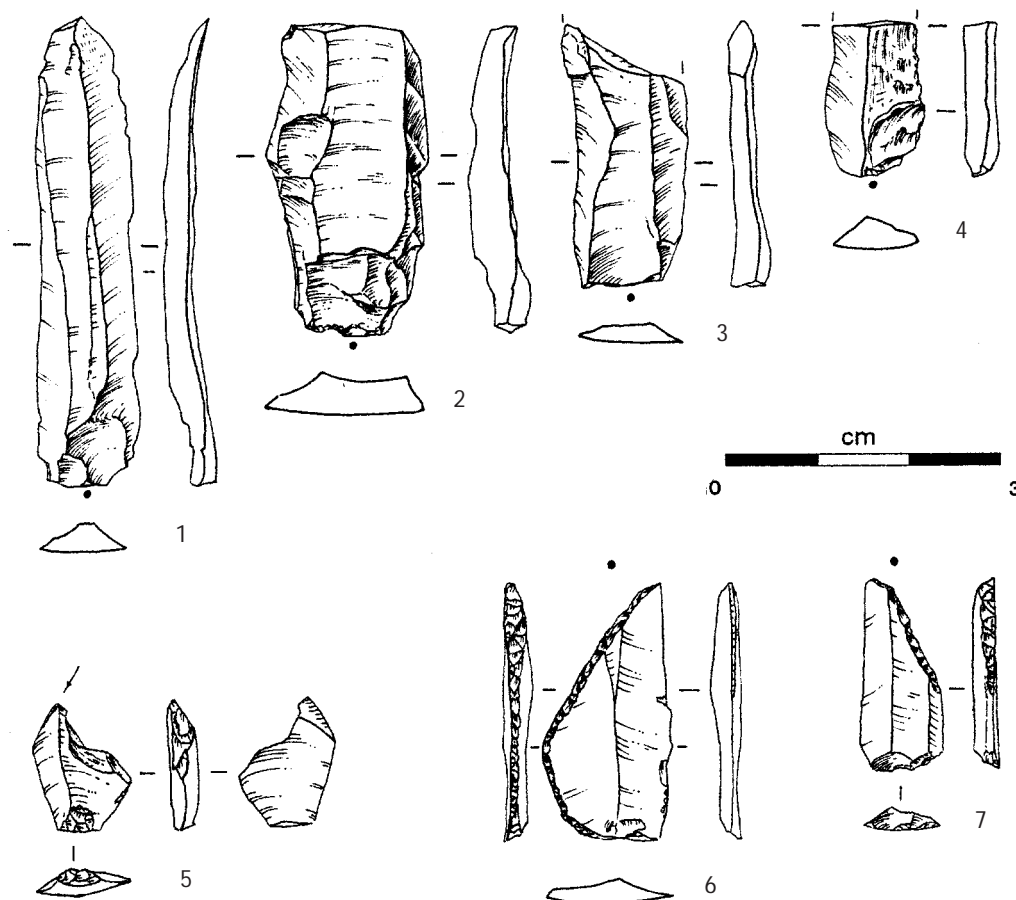


Fig. 12 Indústria lítica. 1. lamela de sílex; 2. lâmina de sílex; 3. fragmento proximal de lâmina de sílex; 4. fragmento de lamela de sílex; 5. microburil proximal de sílex; 6-7. trapézios de sílex. Desenhos de Sergei Tatartsev.

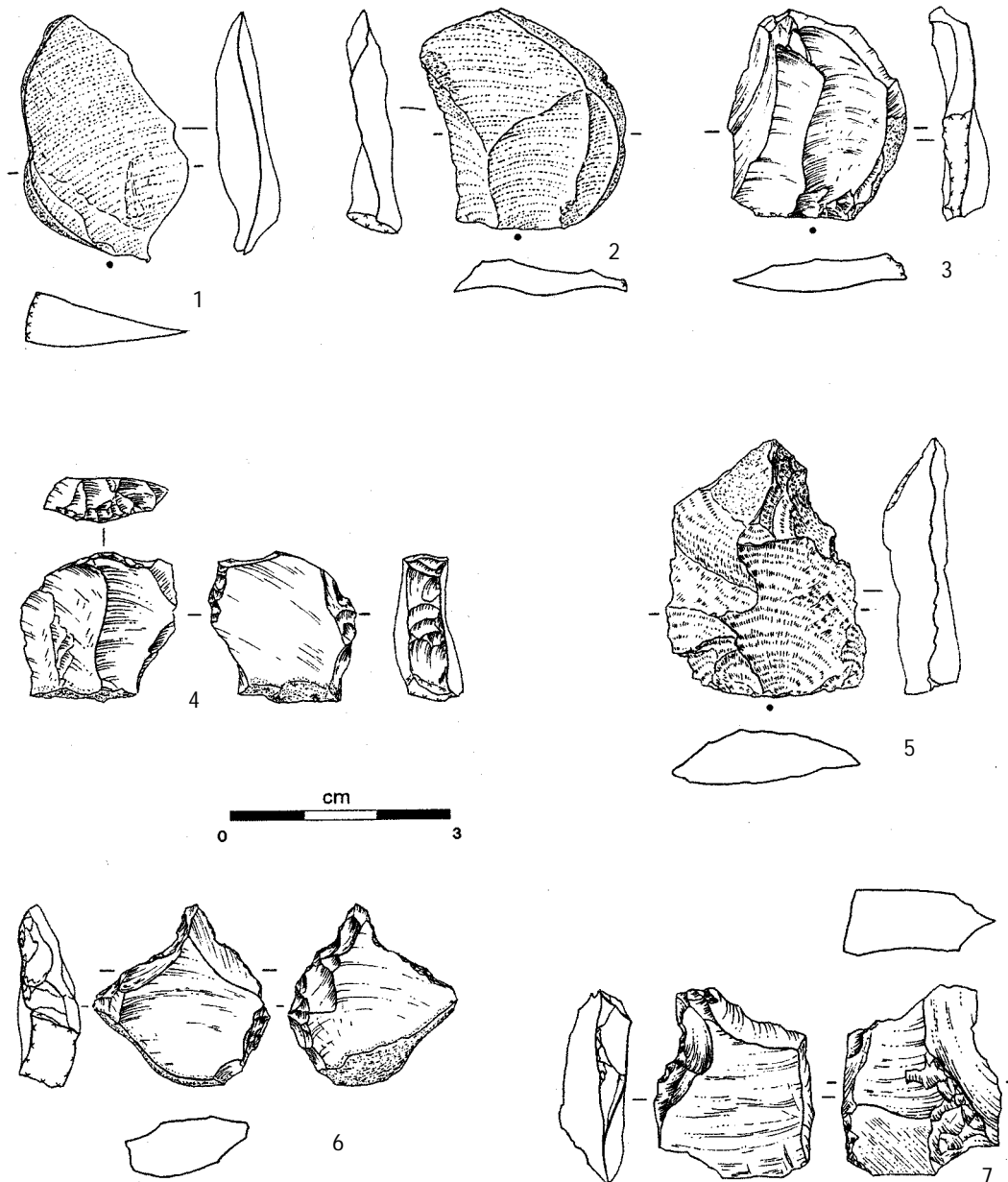


Fig. 13 Indústria lítica. 1. e 2. lascas de quartzito; 3. lasca de sílex; 4. raspadeira de sílex; 5. lasca retocada de quartzito; 6. furador de sílex; 7. raspadeira afocinhada de sílex. Desenhos de Sergei Tatartsev.

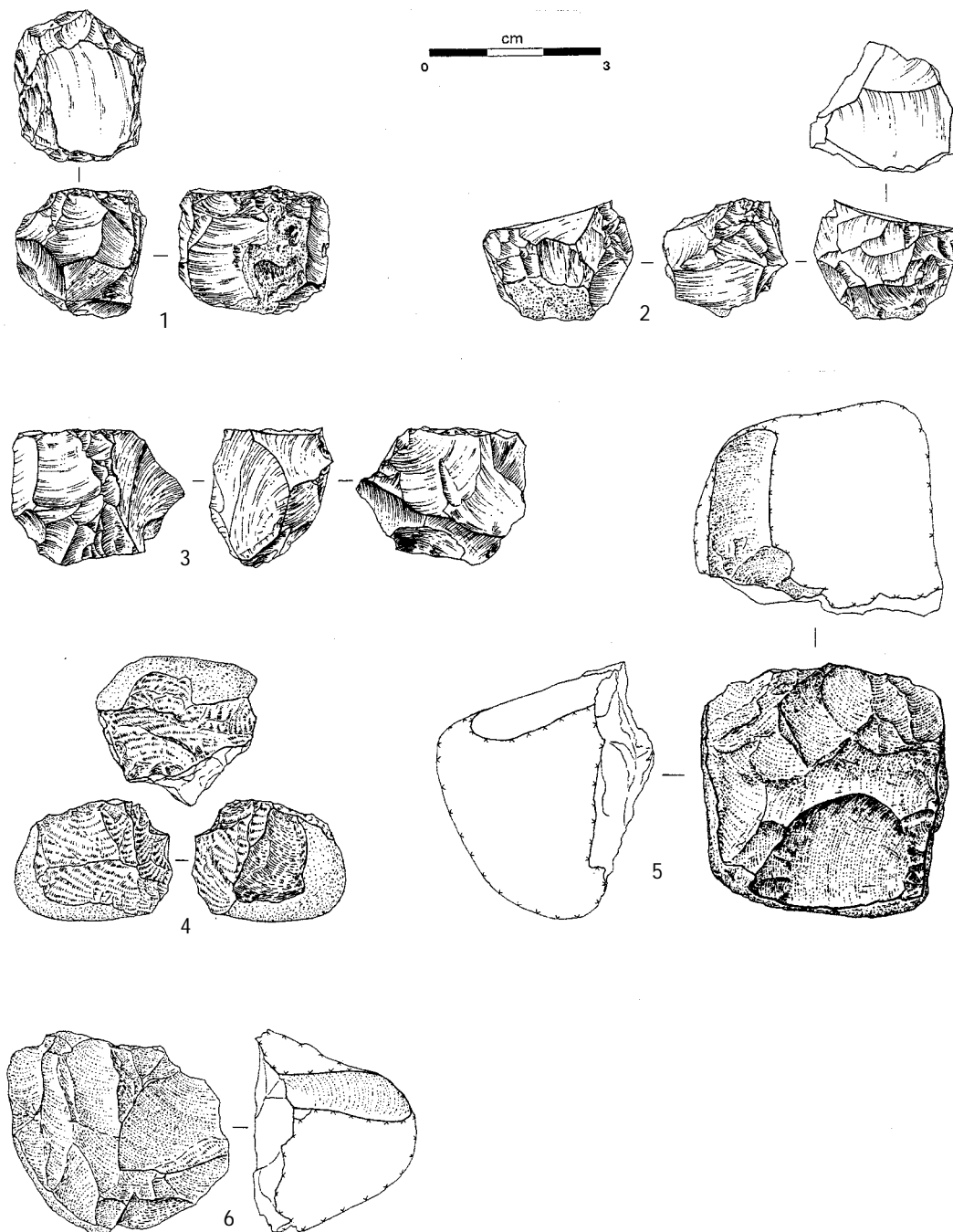


Fig. 14 Indústria lítica. 1 a 3. núcleos de sílex; 4. núcleo de quartzo; 5 e 6. núcleos de quartzito. Desenhos de Sergei Tatartsev.

Nos trabalhos de 1997, na propriedade B, foram recuperados dois artefactos em osso (Fig. 15). Trata-se muito provavelmente de dois fragmentos de agulhas, obtidas através do polimento de uma das extremidades. Eventualmente relacionado com este tipo de objectos estará um conjunto de polidores em arenito recuperados em diversas sectores da jazida. São peças de forma quadrangular, geralmente espessas, fragmentadas, que apresentam um ou vários sulcos pro-

fundos numa das faces (Fig. 16). Este tipo de objectos, que aparece em contextos do Tardiglacial do Norte da Europa – Ahrensburguense e Tjongeriense – (Rozoy, 1978) e em jazidas francesas do Tardenoisense e Sauveterrense, são interpretados por García-Argüelles (1993), a propósito do aparecimento de quatro exemplares no nível 7 (Pré-Boreal) do abrigo de El Filador (Tarragona), como polidores para arredondar, alisar e eliminar protuberâncias de cabos de madeira para flechas ou lanças.

Relacionada com outra vertente do comportamento destas comunidades humanas é a presença de diversos objectos de adorno sobre concha (Fig. 17). São peças que apresentam um orifício para suspensão, obtido por abrasão ou por percussão directa (ou ambas) numa das válvulas, no caso do suporte ser um bivalve, ou na face de um gastrópode. Os moluscos mais utilizados para o fabrico destes adornos são *Cerastoderma edule*, *Theodoxus fluviatilis*, *Nassa reticulata* e *Littorina littorea* (apenas um exemplar). Foi igualmente recuperado um fragmento de placa de percebe (*Scalpellum scalpellum*) com um orifício para suspensão. Estes objectos poderiam estar relacionados com a existência de enterramentos. No entanto, foram apenas exumados, até ao momento, quatro dentes humanos e uma diáfise de fémur possivelmente humana. Considerando a hipótese de os indivíduos terem sido enterrados na camada de areias subjacente ao concheiro, a sua ausência poderá derivar das respectivas condições de jazida. Foi igualmente recuperado nos trabalhos de 1998 um pequeno seixo com vestígios de ocre numa das faces. Os traços de pigmento encontram-se conservados sob uma película de concreções carbonatadas.

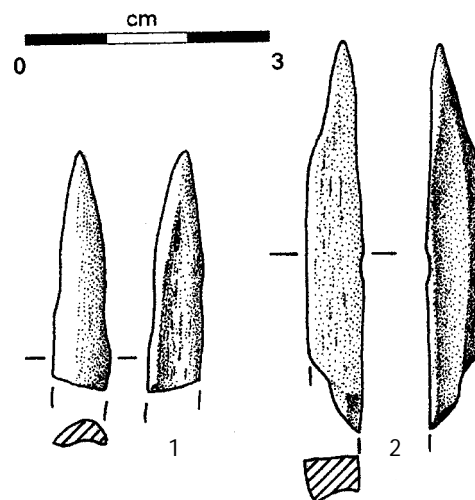


Fig. 15 Indústria óssea. Desenhos de Helena Figueiredo.

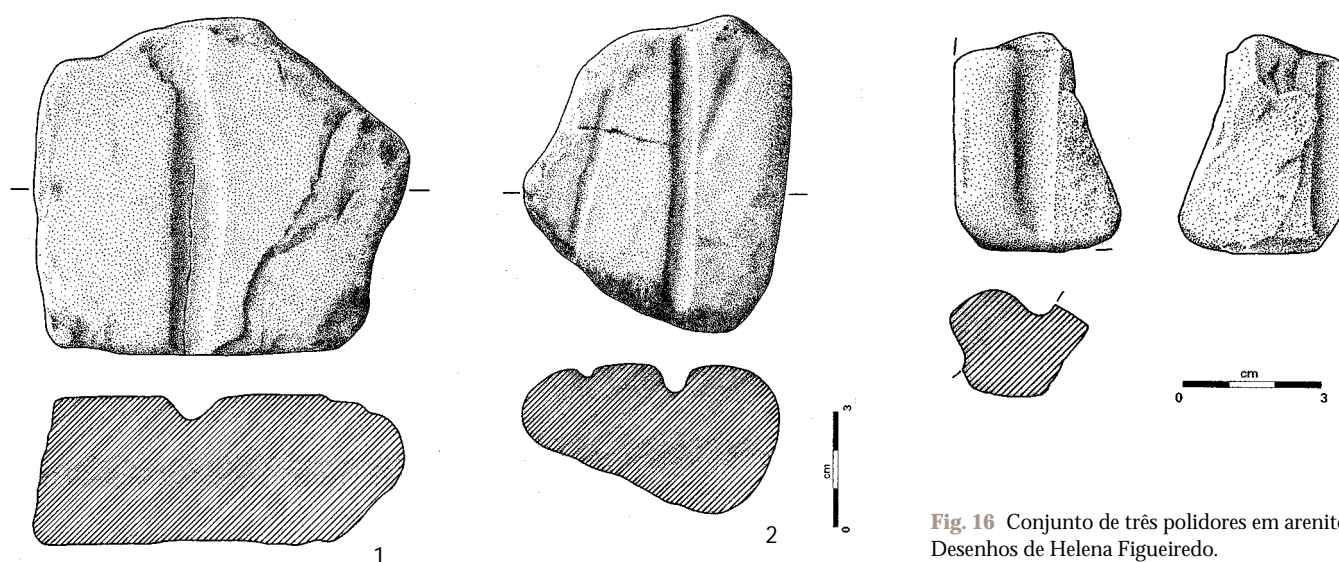


Fig. 16 Conjunto de três polidores em arenito. Desenhos de Helena Figueiredo.

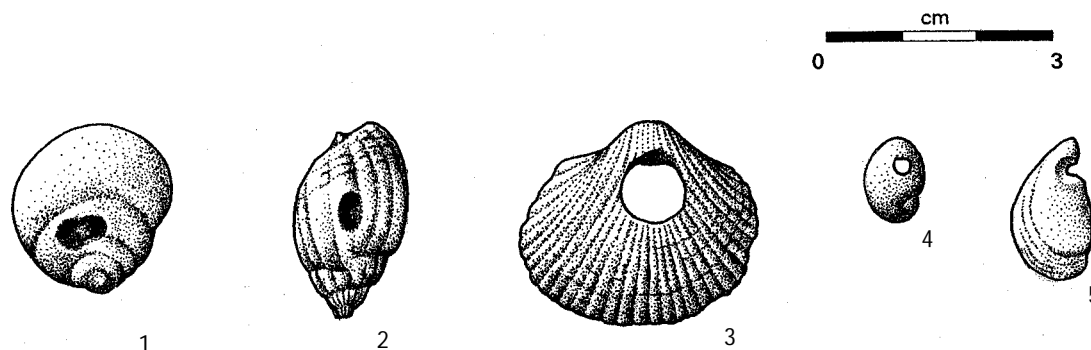


Fig. 17 Adornos sobre concha: 1. *Monodonta lineata*; 2. *Nassarius reticulatus*; 3. *Cerastoderma edule*; 4. *Theodoxus fluviatilis*. 5. placa de percebe (*Scalpellum scalpellum*) perfurada. Desenhos de Helena Figueiredo.

2.4. Cronologia absoluta

Foram processadas quatro datações absolutas pelo método do radiocarbono. A primeira amostra foi obtida em 1986, numa das sondagens efectuada no terreno A, no âmbito do projecto de investigação coordenado por David Lubell e referido anteriormente. As restantes foram processadas recentemente, sobre amostras exumadas no decurso das escavações efectuadas sob a responsabilidade da signatária.

Como se pode observar no quadro 1, a amostra datada em Toronto (TO-707), um conjunto de 7 fragmentos de osso proveniente da sondagem F7, nível 145-150, das escavações realizadas em 1986 na propriedade A (ver Fig. 4), é cerca de 1000 anos mais recente que as restantes obtidas a partir de amostras recolhidas nos trabalhos de escavações efectuados em 1997 na propriedade B. Não é possível, por enquanto, avaliar a natureza desta discordância. No entanto, poderão ser colocadas duas hipóteses para a explicação deste facto:

- a existência de um episódio de ocupação mais recente no local, constituindo os resíduos identificados e escavados na propriedade A testemunhos materiais do mesmo; esta hipótese não é confirmada pela análise dos espólios, que são em tudo semelhantes aos escavados nos trabalhos efectuados em 1995, 1997 e 1998, quer na propriedade A, quer na propriedade B, quer no talude da estrada;

- a maioria dos ossos exumados nesta jazida apresenta teores de colagénio reduzidos, o que poderá ter influenciado o resultado obtido por David Lubell; este último, porém, considera que “there is no indication that TO-707 was low in collagen” (comunicação pessoal). No entanto, no nível onde foi recolhida esta amostra foram identificadas algumas tocas e fragmentos de cerâmica que poderão indicar a existência de perturbações nos depósitos.

Só o prosseguimento das escavações e a datação de novas amostras poderão esclarecer sobre a eventual existência de uma componente do final do Boreal/início do Atlântico neste local. Admitindo a hipótese da existência de uma ocupação arqueológica mais antiga, actualmente disseminada devido a diversos factores de natureza tafonómica, a sua individualização só poderá vir a ser confirmada pelo radiocarbono.

3. Toledo no contexto do Mesolítico inicial do litoral da Estremadura

As investigações até ao momento realizadas sobre os últimos caçadores-recolectores do Holocénico têm-se centrado, sobretudo, no estudo dos concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado que abarcam um período de ocupação que se situa, *grosso modo*, entre 7500 e 6000 BP. É possível estabelecer, actualmente, um quadro suficientemente bem documentado sobre as estratégias de povoamento e subsistência adoptadas por estas comunidades humanas — que ocuparam nichos ecológicos muito semelhantes, nos limites interiores dos antigos estuários — e das respectivas indústrias líticas. Estes dois núcleos de jazidas mesolíticas representam os últimos redutos de um modo de vida sustentado na exploração de recursos exclusivamente selvagens.

Quais os mecanismos que levaram à eleição das zonas estuarinas como últimos refúgios destas populações de caçadores-recolectores?

As transformações ambientais resultantes do melhoramento climático sentido por toda a Europa a partir do Allerød, que se traduziram num aumento gradual das temperaturas e da pluviosidade e em modificações na cobertura vegetal (aparecimento da floresta temperada) e nas faunas (desaparecimento das espécies adaptadas a climas frios), levaram à adopção de novas estratégias de povoamento e subsistência por parte dos grupos humanos de caçadores do Holocénico (Clarke, 1978). Os recursos aquáticos passam a integrar em definitivo os espectros dietéticos destas populações, num processo que se inicia claramente a partir do Paleolítico Superior final, e o povoamento torna-se mais costeiro.

O Mesolítico português continua a ser definido, sobretudo, com base nos modelos formulados a partir destas comunidades de caçadores-recolectores do início do Atlântico.

No entanto, este processo de fixação das populações aos estuários só pode ser compreendido numa perspectiva diacrónica, recuando a uma fase imediatamente anterior. Este espaço de tempo encontra-se representado no litoral estremenho por jazidas cujo conteúdo arqueológico parece combinar características presentes quer em contextos do Paleolítico Superior final, quer em contextos do Mesolítico recente.

As características observadas no sítio de Toledo (cultura material, estratigrafia, condições de formação dos depósitos, etc.) permitem a construção de um cenário sobre o estatuto deste local no quadro do espaço geográfico e temporal em que se insere. A sua localização proporcionava a exploração de uma vasta gama de recursos de origem aquática. A presença de espécies faunísticas de origem terrestre indica que a caça desempenharia um papel importante na dieta destas comunidades. A existência de matérias-primas talháveis no próprio sítio terá contribuído, também, para a sua eleição como ponto de referência na paisagem, utilizado regular e temporariamente no quadro de um território de exploração mais vasto. A determinação, em curso, da sazonalidade das ocupações do local, e a exploração de outras jazidas contemporâneas da região, poderão vir a contribuir para o aprofundamento dos nossos conhecimentos sobre o modo de vida, os circuitos territoriais e as relações sociais das comunidades humanas que acumularam os vestígios arqueológicos presentes na jazida de Toledo.

NOTAS

* Instituto Português de Arqueologia

¹ Longitude W: 9° 18' 25". Latitude N: 39° 11' 18". Altitude: 35 m (Carta Militar de Portugal n.º 361 dos Serviços Cartográficos do Exército, escala 1:25 000).

² No entanto, ainda há quarenta anos atrás, eram abundantes os peixes e os moluscos no Alcabrichel.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. C. (1994) - O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Curral Velho, Cambelas, Torres Vedras. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. 2, p. 43-51.
- ARNAUD, J., ed. (1994) - Arqueologia em Portugal. In *Atlas de Arqueologia*. Lisboa : Zairol.
- ARNAUD, J. ; PEREIRA, A. R. (1994) - S. Julião. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 9, p. 62-63.
- CLARKE, D. (1978) - *Mesolithic Europe: the economic basis*. London : Duckworth.
- DAVEAU, S. ; PEREIRA, A. R. ; ZBYSZEWSKI, G. (1982) - Datation au C14 du site archéologique de la plage de Magoito, Portugal, scellé par une dune consolidée. *Clio*. Lisboa. 4, p. 133-136.
- GARCÍA-ARGÜELLES, P. (1993) - Los pulidores de arenisca del Tardiglacial y Postglacial de Europa Occidental: Síntesis y nuevas aportaciones. *Pyrenae*. Barcelona. 24, p. 35-52.
- GONZÁLEZ MORALES, M. ; ARNAUD, J. (1990) - Recent research on the Mesolithic in the Iberian Peninsula: problems and perspectives. In VERMEERSCH, P. M. ; VAN PEER, P., eds. - *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Leuven : University Press, p. 451-461.
- LUBELL, D. ; JACKES, M. (1988) - Portuguese Mesolithic-Neolithic subsistence and settlement. *Rivista di Antropologia*. Suplemento ao vol. 76, p. 231-248.
- PEREIRA, A. R. ; CORREIA, E. B. (1985) - Duas gerações de dunas consolidadas em S. Julião, Ericeira, Portugal. In *Actas da 1ª Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa. 1, p. 323-337.
- PEREIRA, A. R. (1983) - Enquadramento geomorfológico do sítio datado por C14 na praia de Magoito, concelho de Sintra, Portugal. In *VI Reunión del Grupo Español de Trabajo del Cuaternario*. Vigo, p. 551-563.
- ROZOY, J.-G. (1978) - *Les derniers chasseurs*. Reims : Société Archéologique Champenoise.
- SOARES, A. M. (1989) - *O efeito de reservatório oceânico nas águas costeiras de Portugal Continental*. Lisboa : ICEN - LNETI. Trabalho policopiado.
- SOARES, A. M. (1993) - The 14C content of marine shells: evidence for variability in coastal upwelling off Portugal during the Holocene. In *Isotope Techniques in the Study of Past and Current Environmental Changes in the Hydrosphere and the Atmosphere*. Wien : International Atomic Energy Agency, p. 471-485.
- ZILHÃO, J. ; LUBELL, D. (1987) - Concheiro do Pinhal da Fonte. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 8, p. 55.
- ZILHÃO, J. ; LUBELL, D. (1987) - Concheiro de Pandeiro. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 8, p. 45-46.
- ZILHÃO, J. ; CARVALHO, E. ; ARAÚJO, A. C. (1987) - A estação epipaleolítica da Ponta da Vigia, Torres Vedras. *Arqueologia*. Porto. 16, p. 8-18.
- ZILHÃO, J. (1992) - Estratégias de povoamento e subsistência no Paleolítico e no Mesolítico em Portugal. In MOURE ROMANILLO, A., ed. - *Elefantes, ciervos y ovicapríneos*. Santander : Universidad de Cantabria, p. 149-172.